



casadesarmento

centro de estudos do património

Núcleo de Documentação Abade de Tagilde | Casa de Sarmento | © Sociedade Martins Sarmento

Casa de Sarmento
Centro de Estudos do Património
Universidade do Minho

Largo Martins Sarmento, 51
4810-241 Guimarães
E-mail: casa.sarmento@csarmento.uminho.pt
URL: www.csarmento.uminho.pt

A SENHORA DA PAZ

Com esta invocação existiu no Real Mosteiro de Santa Clara do Pôrto uma imagem que o espírito piedoso das monjas concebeu em horas atribuladas e consecutivamente venerou com apêgo e frenesi.

A Senhora da Paz acha-se ligada a duas datas memoráveis da história portuense: uma de dor e outra de emancipação — 1809 e 1820.

Não poderá dizer-se, por isso, ser uma imagem histórica, mas que a factos históricos se relacionou e tam intimamente, que, afinal, a própria realidade dêles lhe provocou o sacrifício.

Uma pequena epopeia mal inquirida e injustamente olvidada...

Dêmos-lhe a luz merecida, já que alguns sedutores vestígios isso nos permitem.

Grandes foram os sobressaltos que as religiosas de S.^{ta} Clara experimentaram por ocasião da invasão francesa. Com o pretexto de recolher os objectos de valor que Soult mandava entregar, a soldadesca forçou a portaria e tentou entrar no convento, não passando porém do patamar. Embora contrariadas, não tiveram as freiras outro remédio senão obedecer à brusca intimativa. Bem lhes ficavam os olhos em várias peças de grande estima, que alguém lembrou de sonegar. Desprezou a Abadessa o alvitre temendo qualquer violência. Porém uma freira mais decidida, por conta própria e sem nada dizer, ocultou algumas pratas e enterrou-as.

Passados os dias de perigo, vieram os dias de miséria. Por ser a maior parte dos rendimentos conventuais colhida em géneros, como tivesse escasseado gente para a agricultura por causa da guerra, viram-se as

recolhidas a braços com a fome. Começava a desenrolar-se um futuro de privações, bem superiores, por forçadas, às que o rigor da Regra lhes instituía. Foi então que essa recolhida desvendou o segredo, dizendo não dever passar fome quem ainda possuía objectos de valor. Desenterrados e vendidos por ordem da madre Abadessa, teve a comunidade o necessário por tempo razoável.

A principal peça oculta era uma portada de prata, obra de bastante peso e muito labor, usada no comungatório em dias de solenidade. Na sua colheita da igreja os Franceses apenas deixaram dois cristos de prata, que por muito ennegrecidos lhes pareceram de chumbo. (1)

Nesses calamitosos transes algumas recolhidas mais assustadiças, tomadas de pavor abandonaram a clausura cuidando mais da segurança do corpo que da purificação da alma. Nem tôdas eram propensas a mártires...

Compreende-se como a Senhora, afastado que foi o perigo da guerra, tivesse, por justa recompensa, arreigado culto.

Mas a aurora da paz despontava incerta e fugidia.

Quando surgiu, materializada a imagem que o temor idealizara, já novas nuvens ameaçadoras toldavam o horizonte da tranquillidade.

Não faltou por isso devoção no acto inaugural, em Junho de 1810, ao ser colocada no lugar próprio, denominado o Deserto.

A subsequente festividade de Maio de 1811 já solenizava o advento auspicioso e definitivo da paz.

Era de crer que, evitados os arroubos do momento, ficasse depois a imagem, para sempre, no verdadeiro deserto, de todo esquecida, entregue à mansão expressiva do local.

Assim não foi.

Uma dezena de anos volvida, novos sucessos motivariam o apêgo das religiosas ao seu poder miraculoso.

(1) Tudo isto foi relatado por uma das últimas freiras a um nosso próximo parente.

Dera a isso origem o movimento revolucionário de 1820.

Sem lhe compreenderem bem os intuitos patrióticos que o dominaram, as pobres freiras, por espírito sectarista, apenas o viram pela restrita facêta que as



interessava. Pretendendo as Côrtes (1822), como se sabe, condenar as ordens religiosas por uma reforma que seria a sua extinção lenta, a má vontade contra ela justificava-se perfeitamente.

A devoção das clarissas volvia-se de novo para a Senhora da Paz, sua protectora nos momentos de amargura. Uma delas, cujo nome não chegou até nós, promoveu mesmo festejos pomposos em seu louvor.

Talvez lhe pertençam as duas laudas de papel onde em letra feminina, sobre um pautado a lápis, se acham lançadas com tinta que o tempo amareleceu, umas notas referentes à Senhora, crônica ingênua mas quicá sincera, que passamos a trasladar: ⁽¹⁾

«Nossa Senhora da Paz Foi culucada no lugar do Deserto, em q̃. está, no dia 5 do Mez de Junho de 1810; foi toda a Comunidade cantando a Magnifica: foi isto em o cazião de q̃. todo o Reino anda.^{va} em receios d. q̃. os Francezes tornassem a entrar a tomar posse do Reino e as Reliziozas com m.^{to} maior susto por se lembrarem do q̃. passarão por montes e vales, lembradas desta desgraça vivião em sustos adevota de N. Snr.^a lhe pormoteu hua Festa se ficassem livres e como assim N. Snr.^a o fez teve hua festa em doze de Maio com o SS.^{mo} Esposto e sermão no anno de 1811; dipois passando annos aconteceu levantar-se um principio de Irezia com o titulo de constituição q̃. pretendião asular a Religião Catolica e os Direitos do Rei; tornou a devota a pormeter a N. Senhora se levantase o castigo de tal Irezia; foi servida N. S. despachar a petição e teve outra Festa com toda a solenidade com muzica grande de todos os instrumentos de fora na Igreja e sermão cujo aqui fica p.^a memoria, e o Rei e Rainha tiverão tambem hum sermão cada hum e ambos o mandarão agradecer, em fim foi com toda ostentação q̃. podia ser e esta Festa se fez em vinte e dois de Agosto de 1823; esta Senhora tem feito m.^{tos} milagres e entre estes dois forão m.^{to} asinalados dos quais hum foi de hua Religioza q̃. estava predida de juízo e com sismas de ena (não) se querer confessar e N. S. fez o milagre por se pedir dia certo e se conheceu ser mesma Senhora q̃. o fez e tambem teve hua Missa de muzica cá da Religiozas no dia da mesma Snr.^a q̃. he em 24 de Janeiro de 1825; e o outro milagre foi q̃. estando o Hortellão m.^{to} mal de hua mão em termos de se lhe cortar tambem lhe prometerão hua Missa de Musica no dia da Senhora em 24 de Janeiro de 1824 e teve a sua Missa cantada: todas as prendas q̃. N. S. tem são de milagres, porese motivo nunca se devem tirar porq̃.

⁽¹⁾ Mantemos a ortografia, alterando porém a pontuação.

quem as dava logo isto dizião q̃. as davão p.^a estar na Sur.^a e não p.^a se lhe fazer dellas outra qualquer ainda q̃. seja p.^a a mesma Snr.^a; assim servem de ornato e servem de memoria dos seus milagres nem q̃. seja p.^a se lhe comprar a zeite p.^a asua alampada pois assim em se lhe gastando o azeite q̃. se lhe comprase do dinheiro q̃. lhe fizesse das ditas prendas ficava sem as prendas a Snr.^a e sem nada (depois de gasto o azeite) e assim se lhes emcarrega as conciencias se lhe tirarem alguma couza da Snr.^a por assim ser a vontade de quem as deu.»

Estes curiosos esclarecimentos acham-se juntos ao sermão, impresso, que Fr. José de Lima, «prêgador encartado de tôdas as festividades políticas do seu tempo» como alguém o qualifica, recitou na festa de 22 de Agosto de 1823 pela feliz restituição dos inauferíveis direitos majestáticos de El-Rei Nosso Senhor ⁽¹⁾. Nessa oração teve o eremita basto ensejo de expandir as suas ideias absolutistas. Apesar de portuense, a sua opinião acerca de uma das datas mais gloriosas da sua terra foi nesse lance tam sòmente esta:

«Pobre cidade! antiga séde da lealdade portugueza, enxovalharam-te com a execrável rebelião de vinte e quatro de Agosto de mil oito centos e vinte.»

Tal tirada devia ter feito delirar a promotora «uma religiosa do mesmo convento que prometeu esta festividade pelo feliz resgate da Religião e do Trono e por modestia não quer que se publique o nome.» ⁽²⁾

E' de crer que fôsse a autora das linhas acima transcritas.

Desditosa monja! Se a morte antecipada a não poupou, ao presenciar atroz dos sucessos subseqüentes, como o seu coração sangraria de dor!

Para complemento desta notícia resta fazer referência à estampa da Senhora da Paz ⁽³⁾, nada vulgar, que na colecção do pintor Vitorino Ribeiro se encontra.

Como se vê da gravura e em harmonia com a observação da freira, é representada com muitos adôr-

⁽¹⁾ O folheto com as notas manuscritas foi encontrado num móvel adquirido há anos no convento.

⁽²⁾ Conforme uma nota do folheto.

⁽³⁾ Aberta em cobre, mede 125^{mm} × 88^{mm} e não tem nome do gravador.

nos, não faltando à imagem correcção e esbelteza. Deve pertencer à época da festividade (1823) pois nela se lêem as palavras *Pacem meam do vobis* que no seu sermão o célebre prègador a certa altura intercalou.

No seu discreto lugar junto do côro superior aguardou a Senhora 66 anos a execução da sentença que um ferino decreto tinha lavrado. A existência no seu retiro medir-se-ia pela da última professa; tinha necessariamente de acabar com ela.

A 12 de Abril de 1900 a morte de D. Maria da Glória Azevedo Teixeira, determinava a secularização do mosteiro.

Seguiu-se o triste pracionamento dos haveres, de que o Pôrto pouco colheu. A Capital ficou com a parte de leão; no espólio que para lá foi incluía-se a ataviada imagem da Senhora da Paz.

Se o acaso a poupou, por certo que a sua história esqueceu — como esquece tudo que o desprezo domina.

PEDRO VITORINO.